



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

MARIA DA GLÓRIA COSTA DE SOUSA

O TEMPO NAS CRÔNICAS DE CECÍLIA MEIRELES

João Pessoa - PB

2018

MARIA DA GLÓRIA COSTA DE SOUSA

O TEMPO NAS CRÔNICAS DE CECÍLIA MEIRELES

Monografia apresentada em cumprimento às exigências do Curso de Letras – Português, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para a obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Ana Cristina Marinho Lúcio

João Pessoa – PB

2018

Catálogo na publicação
Seção de Catálogo e Classificação

S725t Sousa, Maria da Gloria Costa de.

O TEMPO NAS CRÔNICAS DE CECÍLIA MEIRELES / Maria da
Gloria Costa de Sousa. - João Pessoa, 2018.
39 f.

Orientação: ANA CRISTINA MARINHO LÚCIO.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Cecília Meireles, Crônica, Tempo Ficcional. I.
LÚCIO, ANA CRISTINA MARINHO. II. Título.

UFPB/CCHLA

MARIA DA GLÓRIA COSTA DE SOUSA

O TEMPO NAS CRÔNICAS DE CECÍLIA MEIRELES

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, da UFPB, como requisito parcial para obtenção do título de graduação.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Ana Cristina Marinho Lúcio
Orientadora

Prof^a Dr.^a Alyere Silva Farias (UFPB)

Prof^a Ms. Aline Cunha de Andrade Silva (UFPB)

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, por todas as conquistas em minha vida, por me permitir vivenciar essa experiência acadêmica e por ter me dado força e coragem durante todos esses anos de estudo.

A minha orientadora Professora Dr^a Ana Cristina Marinho, que me orientou com muita sabedoria, dedicação e paciência durante a elaboração deste trabalho.

A minha professora do 3º ano fundamental Dr^a Lurdinha que, mesmo sem saber, me mostrou o prazer de ensinar e me conduziu a escolher o curso de Letras-Português, me fazendo descobrir o prazer pela leitura e escrita.

Ao meu amado pai José Antônio Anízio de Sousa, que sempre se esforçou ao máximo para me auxiliar nessa caminhada acadêmica, especialmente no auxílio financeiro.

A minha amada mãe Josenalva Costa de Sousa, que esteve ao meu lado em todos os momentos, ficando muitas vezes acordada até tarde me esperando terminar minhas atividades acadêmicas, ou ficando no portão esperando minha chegada, mesmo tendo trabalhado o dia inteiro.

A minha irmã Maria Gleisila Costa de Sousa, pelo companheirismo e ajuda nas realizações das atividades acadêmicas, ficando acordada comigo até altas horas da noite.

Ao meu irmão Gleibson José Costa de Sousa, por sempre me incentivar e ajudar quando necessário.

Aos meus avós que sempre acreditaram em mim.

Aos meus familiares que sempre me apoiaram, mesmo muitos estando longe.

Ao meu noivo José Marques dos Santos que sempre esteve ao meu lado, nos momentos fáceis e difíceis, sendo um grande incentivador e companheiro de estudo, não medindo esforços para me ajudar tanto psicologicamente como nos materiais que eram necessários para a elaboração deste trabalho.

A minha amiga Isabel que acompanhou cada etapa dessa difícil caminhada na elaboração desse trabalho, estando sempre à disposição para me ouvir e me auxiliar quando necessário.

Aos meus companheiros de graduação por terem me auxiliado na minha vida acadêmica.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo o estudo e compreensão do tempo nas crônicas cecilianas. Para tal análise, escolhemos como corpus de pesquisa as crônicas “Dia da Vitória” (1945), “[Ainda sobre a bomba atômica]” (1945) e “Mesa do passado” (1947). As crônicas compõem o livro “Obra em prosa” V.1 (1998). O trabalho tomou por base os estudos de Darcy Damasceno (1997), Miguel Sanches Neto (2001), Dall Farra (2005), entre outros que trataram da obra da autora. Para uma expansão do gênero analisado, nos apoiamos nos textos de Antonio Candido, Marlyse Meyer, Jorge Fernandes da Silveira e Telê Porto Ancona que compõem o livro “A crônica, gênero sua fixação e suas transformações no Brasil”. Para a compreensão do tempo nas crônicas escolhidas nos apoiamos nas teorias de Benedito Nunes (1995) e nos escritos de Luis Alberto Brandão Santos e Silvana Pessôa de Oliveira (2001).

Palavras-chave: Cecília Meireles, Crônica, Tempo Ficcional

ABSTRACT

The aim of this work is to study and understand the sense of time in the Cecilian chronicles. For this analysis, we chose as corpus of research the chronicles “Victory Day” (1945), “[Still on the atomic bomb]” (1945), and “Table of the past” (1947)¹. The chronicles compose the book “Work in prose” vol. 1 (1998). The work was based on the studies of Darcy Damasceno (1997), Miguel Sanches Neto (2001), Dall Farra (2005), among others who dealt with the work of the author. In order to expand the analyzed genre, we rely on the texts of Antonio Candido, Marlyse Meyer, Jorge Fernandes da Silveira and Telê Porto Ancona that compose the book “The chronicle: genre, its fixation and transformations in Brazil”. For the understanding of time in the chosen chronicles, we based on the theories of Benedito Nunes (1995), and the writings of Luis Alberto Brandão Santos and Silvana Pessôa de Oliveira (2001).

Keywords: Cecília Meireles, Chronicle, Fictional Time.

¹Os títulos das crônicas e livros são tradução nossa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1. CECÍLIA MEIRELES CRONISTA	10
1.1. Compreendendo o gênero crônica	14
2. A CRÔNICA E O TEMPO	18
3. COMENTÁRIOS SOBRE O TEMPO NAS CRÔNICAS DE CECÍLIA MEIRELES	24
3.1. Dia da vitória	24
3.2. [Ainda sobre a bomba atômica]	28
3.3. Mesa do passado	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso busca compreender a representação do tempo nas crônicas escritas por Cecília Meireles, uma autora de grande relevância no cânone literário. Nestas crônicas apresentamos a temporalidade que permeia uma narrativa literária, bem como mencionamos a diferenciação entre o tempo a poesia e a narrativa, tendo em vista que o tempo na poesia é vivenciado pela musicalidade das palavras e na narrativa o tempo é representado a partir de uma perspectiva ficcional.

O tempo não apresenta um único conceito que o defina por isso seu conceito não é singular. No entanto, essa categoria está presente em todas as narrativas, pois é ele o responsável por ordenar as ações no espaço. O tempo na narrativa se embebece do real para sua criação ficcional.

Para tanto, escolhemos como objeto de análise nesse estudo as crônicas de Cecília Meireles, que compõem o livro “Obra em Prosa” V.1 (1998). As crônicas desse estudo são: Dia da Vitória (12 de maio de 1945), publicada no jornal Correio Paulistano, [Ainda sobre a bomba atômica] (25 de agosto de 1945), publicada no jornal Folha Carioca e “Mesa do Passado” (24 de agosto de 1947), publicada no jornal A Manhã “Letras e Artes”.

A escolha das crônicas Dia da Vitória, [Ainda sobre a bomba atômica] e Mesa do Passado como objeto de análise nesse estudo se deu em virtude destas serem as crônicas, dentre as inúmeras que compõem este livro, que mais apresentam o tempo nas suas perspectivas conceituais, nelas é possível observar a objetividade e a subjetividade da categoria analisada.

A escolha da categoria do tempo se deu em virtude de sua recorrência na obra de Cecília Meireles, tanto na prosa como na poesia e por essa categoria permear todas as crônicas de escolha para análise.

Cecília Meireles possui uma obra de grande relevância para a literatura brasileira, possuindo um grande acervo tanto em prosa como em verso, abordando as mais variadas temáticas, porém ao fazermos o estudo do estado da arte da autora nos deparamos com poucos trabalhos voltados para análises das narrativas Cecilianas. Por isso a escolha da autora como fonte de pesquisa neste trabalho, levando em consideração a estrutura narrativa de sua prosa, em que a categoria em análise é o tempo.

Organizamos nosso trabalho, com base nas leituras feitas das crônicas analisadas e dos teóricos pesquisados. No primeiro capítulo *Cecília Meireles cronista* procuramos

registrar a vida e obra da autora. Para essa compreensão, nos embasamos nos estudos de Darcy Damasceno (1997); Miguel Sanches Neto (2001); Dal Farra (2005) e os estudos de Alcides de Souza publicados na revista eletrônica Dandarina (2016).

O primeiro capítulo foi dividido em um subtópico, *Compreendendo o gênero crônica*, tendo como embasamento teórico o artigo “A vida ao Rés-do-chão”, de Antonio Candido; “(Voláteis e versáteis) de variedades e folhetins se faz a chronica”, de Marlyse Meyer; “Fernão Lopes e José Saramago viagem-paisagem-linguagem cousa dever”, de Jorge Fernandes da Silveira; “A crônica de Mario de Andrade: Impressões que historiam”, de Telê Porto Ancona Lopes. Todos compõem o livro “A crônica, o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil”, publicado em 1992 e na revista Dandarina (2016).

No segundo capítulo, *O tempo e a narrativa*, procuramos compreender o tempo em suas variações conceituais, mostrando que o tempo é um componente narrativo que abrange o real e o ficcional. Para tal compreensão nos apoiamos nas teorias de Benedito Nunes (“O tempo na narrativa”, 1995) e nos escritos de Luiz Alberto de Brandão Santos e Silvana Pessôa de Oliveira que compõem o livro “Sujeito, tempo e espaços ficcionais introdução a teoria da literatura”, nos apoiando mais especificamente no capítulo “Narrar o tempo” (2001), pois seus conceitos dialogam com as crônicas escolhidas de Cecília Meireles. Reconhecemos a importância de seus escritos, que são voltados para a análise do tempo e nos apoiamos nesses teóricos para nossa compreensão dessa categoria dentro das crônicas analisadas.

No terceiro capítulo, *Comentários sobre o tempo nas crônicas de Cecília Meireles*, analisamos como essa categoria é representada na prosa Cecilianiana a partir dos conceitos registrados no capítulo anterior. Para isso utilizamos as crônicas antes mencionadas, para analisar como foram representadas as temporalidades que estruturam a narrativa literária.

Nas considerações finais atentou-se mostrar de forma sucinta que o tempo não possui conceito singular e como ocorreu essa representatividade do tempo na prosa Cecilianiana. Além de mencionarmos as peculiaridades, ou seja, o elo que aproxima as três crônicas a partir da categoria em análise.

Nosso objetivo neste estudo foi contribuir para uma melhor compreensão da categoria do tempo que está presente no universo real delimitando as situações, como também expandir o debate de sua representatividade dentro da literatura, fazendo uso das crônicas de Cecília Meireles, contribuindo assim para uma compreensão mais ampla da categoria analisada.

1. CECÍLIA MEIRELLES CRONISTA

Cecília Benevides de Carvalho Meireles é descendente de açorianos, nasceu em 7 de novembro de 1901, na cidade do Rio de Janeiro, e faleceu na mesma cidade no dia 9 de novembro de 1964. Cecília Meireles era filha de Carlos Alberto de Carvalho Meireles, este funcionário no Banco do Brasil e de D. Mathilde Benevides que trabalhava como professora na rede municipal. Seus avós paternos foram o Sr. João Correia Meireles, português, funcionário da Alfândega do Rio de Janeiro, e D. Amélia Meireles.

Os infortúnios da morte na vida de Cecília Meireles ocorreram antes mesmo do seu nascimento, com a morte do seu pai, e logo após, a morte de sua mãe que ocorre três anos após ela vir ao mundo. Porém, as perdas irreparáveis não se limitaram a essas duas mortes. Conforme DAL FARRA (2005) a morte de seu pai foi o princípio para uma sequência de mortes, pois em seguida faleceram os três irmãos mais velhos da autora.

Essas catástrofes em volta da vida da autora conduziram-na a uma sensação de deslocamento e orfandade que vai perpetuar por toda a sua vida. De forma que:

Desde o início e ao longo de toda a sua carreira, Cecília Meireles foi marcada por uma sensação profunda de deslocamento e orfandade, sentimento configurador de uma obra que aposta, por um lado na recusa de toda e qualquer identificação pacífica com imediato, visto como limitador, e, por outro, num projeto de reunificação, pela palavra, de tempos e espaços, criando uma mitopoética que garante uma temporalidade livre das amarras cronológicas. (SANCHES NETO, 2001 p, XXII).

Cecília ainda infante, após morte de sua mãe, vai morar com a Avó materna Dona Jacinta Benevides. Esta experiência contribui para formar suas primeiras coordenadas poéticas, como o contato com a cultura ibérica. “[...] Cecília acabou sofrendo influência de todo um imaginário ibérico e oceânico no qual ancorará sua obra [...]”, como retrata (SANCHES NETO, 2001, p. XXIII).

Cecília Meireles se casou com o pintor Fernando Correia Dias em 1921 e com ele teve três filhas: Maria Elvira, Maria Mathilde, Maria Fernanda. Após a morte do seu esposo, Cecília se casa com o professor Heitor Grillo.

Essa importante escritora da literatura brasileira, que viveu tantos percalços na sua vida, tinha os seus ideais voltados para a educação, dedicou-se arduamente nesse processo, ingressando no magistério. Conforme afirma DAMASCENO:

A vocação para o magistério levou a fazer o curso da Escola Normal (Instituto de Educação) diplomando-se como professora em 1917, paralelamente estudava línguas, ingressando depois no conservatório de música, porque um dos seus sonhos era escrever uma ópera sobre São Paulo, o apóstolo. (DAMASCENO, DARCY. 1977, p. 61).

A dedicação que Cecília Meireles atribuía ao processo de educação era intensa, o que a conduziu ao magistério e ao anseio por uma liberdade e uma educação de melhor qualidade. Neste período a autora defendeu sua tese intitulada *O espírito vitorioso* de 1929 sobre a importância da literatura na formação dos discentes.

No universo literário Cecília Meireles surge em 1922, porém sua primeira publicação foi em 1919 com a obra *Espectro*, voltaremos a este tema adiante. A autora foi apresentada por um grupo de escritores denominados como *escritores católicos* e que escreveu no período de 1919 a 1927. Como situa seu principal comentador.

Cecília Meireles surge para a literatura brasileira em 1922 apresentada pelo grupo de escritores católicos que entre 1919 a 1927, através das revistas *Árvores Nova*, *Terra do Sol* e *Festa*, defendiam a renovação da base de equilíbrio e do pensamento filosófico. Seu aparecimento coincide com a eclosão do movimento modernista do qual pretenderam aqueles escritores representar uma tendência, malgrado a diversidade de pontos de vistas no enforcamento do fenômeno literário por parte dos grupos concorrentes. (DAMASCENO, 1977, p. 13).

Dal Farra, citando Damasceno, comenta sobre a importância das revistas no período de eclosão do modernismo no país, dentre elas a *Revista Festa* ganhou ênfase. Esta Revista se sustentava sobre uma tríade “*pensamento filosófico, tradição e a universalidade*”. (DAL FARRA, 2005).

Ao fazer parte do grupo *Festa*, encabeçado por Tasso da Silveira e Andrade Murici, Cecília Meireles encontra mais do que uma perspectiva estética, ela se identifica e compreende a sua própria condição como ser humano. O fato de participar da *Revista Festa* conduz a autora a um distanciamento do que é material e uma aproximação com o seu interior (SANCHES NETO, 2001).

Com essa participação e com esse desprendimento dos percalços materiais, Cecília Meireles observa a modernidade e a compreende como algo contínuo, que não é possível desprender do que antes ocorrera, pois eles não são possíveis de apagar.

Participando do Grupo Festa, ela fortalece a ideia de uma modernidade continuadora, ou seja, em conexão com valores atemporais que não podem ser apagados sob pena de isolar ainda mais o homem em seu tempo presente. (SANCHES NETO, 2001, p. XXIII)

Como antes mencionado, Cecília Meireles estreia com o livro de poemas intitulado *Espectro*. Após sua primeira publicação, anos mais tarde, em 1923, ela publica seus escritos, dessa vez foi o livro *Nunca mais...* e *Poema dos Poemas*. Logo após, em 1925, ela lança o livro *Baladas para El-Rei*. DAL FARRA (2005) menciona que os livros publicados nesses anos foram todos ilustrados por seu primeiro esposo, o Correia Dias.

Após o falecimento de seu primeiro esposo, que ocorreu em meados de 1930, Cecília Meireles começa a enfrentar dificuldades de cunho financeiro, fazendo com que a autora necessite buscar outras oportunidades. Nesse período ela já exercendo o ofício de poetisa, não tinha remuneração satisfatória, sendo por isso necessário buscar outros meios para enfrentar os problemas financeiros, partindo então para o universo jornalístico.

Entre junho de 1930 a janeiro de 1933, a poetisa irá escrever crônicas diárias que serão publicadas pelo então recém-criado jornal carioca Diário de Notícias. Cecília Meireles era diretora da página de educação, na qual era responsável direta pela coluna denominada “comentários”. (SOUZA, 2016, p.7)

É neste momento que Cecília Meireles ingressa no universo da crônica, começando com as crônicas sobre educação que tinham como pano de fundo os ideais Escola Nova. Entre suas ideias estavam a defesa de uma educação pública de qualidade, a democratização do acesso ao ensino bem como a responsabilidade do Estado na oferta universal da educação.

Sua participação no jornal carioca teve uma curta durabilidade, tendo indícios de que isso ocorreu por questões políticas, que envolveram uma das crônicas de Cecília com o então presidente Getúlio Vargas, após a publicação de uma lei que feria um dos princípios da Escola Novista: a laicidade das escolas. Em 1931 o então governo Varguista assinou um decreto instituindo o ensino Religioso nas escolas. Após a assinatura desta lei Cecília escreve uma crônica em que os sujeitos ficcionais travam um debate sobre religião intitulada “Como se originam as guerras religiosas”. Conforme afirma Alcides de Souza:

Em função de estar completamente em desacordo com a medida governamental, Cecília Meireles fez críticas em sua coluna diária, mas apresentou não somente sua visão pessoal e subjetiva de forma direta; a poeta incluiu no texto um possível diálogo ficcional entre crianças de religiões diferentes. (SOUZA, 2016, p. 8)

Com o término de sua participação no jornal do Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, que funcionou de 1930 a 1933 e com o falecimento do seu primeiro esposo, as dificuldades financeiras não cessaram e Cecília Meireles teve que assumir responsabilidades ainda maiores e o acúmulo de atividades, pois era viúva e tinha três filhas para cuidar.

É a partir de então que ela se sobrecarrega de atividades: torna-se professora de literatura luso-brasileira e da disciplina de técnica e crítica literária na Universidade do Distrito Federal, ao mesmo tempo em que mantém uma coluna sobre folclore no jornal “A Manhã”, outra de crônicas semanais, no Correio Paulistano, outra, de escritos regulares, “A Nação”, além de organizar a revista *Travel in Brazil*. (DAL FARRA, 2005, p. 338)

Exercendo todas essas funções, Cecília Meireles agregou mais uma a suas atividades diárias, a de tradutora, tendo em vista que conhecia outras línguas. Essas traduções feitas por Cecília Meireles a incumbiram de viajar para diversos lugares entrando em contato com diferentes culturas. É neste momento que surge o livro de crônicas *Viagem*. Segundo Alcides de Souza (2016) elas foram publicadas em jornais e compõem a antologia da autora publicada postumamente.

Cecília Meireles assumiu mais uma responsabilidade no meio jornalístico. No ano de 1960, a autora, perto de sua morte, fica incumbida de escrever crônicas sobre os mais variados temas para a então Rádio Mec. Sobre esse período na vida de Cecília Meireles, Alcides de Souza afirma:

Nos anos de 1960, já nos seus últimos anos de vida, uma nova experiência jornalística se apresenta, Cecília Meireles foi convidada a escrever crônicas de temáticas livre a serem lidas na rádio, em um programa diário denominado Quadrante, que seria transmitido pela rádio Mec. (SOUZA, 2016, p. 10)

Esse programa teve uma curta durabilidade, ficou apenas dois anos no ar. O então diretor da rádio, Murilo Miranda, abandonou a rádio MEC (Ministério da Educação e da Cultura) e criou o programa *Roquette Pinto* no qual as crônicas de Cecília Meireles iriam ser lidas.

Essas crônicas de âmbito radiofônico foram criadas com esse intuito, compor um programa de rádio, no entanto acabaram por ser reunidas em um livro intitulado *Escolha seus sonhos*.

As crônicas publicadas nos jornais que Cecília Meireles trabalhou, foram reunidas em livros, dentre estes livros está a “Obra em prosa V.1” que foi publicado em 1998 e será fonte de pesquisa neste trabalho. Este livro é composto por 104 crônicas. “Esta obra reúne os textos em prosa de Cecília Meireles, sobretudo as suas deliciosas crônicas [...]”. (Leodegario, 1998)

Uma das crônicas que compõe o livro “Obra em prosa V.1”, e servirá de objeto de análise nesse trabalho é a crônica “Dia da Vitoria”, publicada no jornal Correio Paulistano, em 12 de maio de 1945. Essa crônica propicia um olhar sobre como foi o fim da segunda guerra mundial. Outra crônica que servirá de corpus de análise neste estudo é a crônica “[Ainda sobre a bomba atômica]” que fala sobre os arrasamentos deixados pela detonação da bomba, essa crônica foi publicada no jornal Folha Carioca em 25 de agosto de 1945; e a crônica “Mesa do Passado” publicada no jornal A Manhã, “Letras e Artes” em 24 de agosto de 1947 em que Cecília Meireles fala sobre suas lembranças.

É importante ressaltar que dentre as crônicas que compõe o livro Obra em Prosa V.1, algumas não possuem título, portanto foram atribuídos nomes respectivos, que foram colocadas entre colchetes é o caso da crônica em análise [Ainda sobre a bomba atômica]. “Quando o texto não tinha título sugerimos um entre colchetes”. (Leodegario, 1998)

Essas crônicas serão utilizadas para as análises desse trabalho, que procurou estudar a categoria do tempo no âmbito da crônica cecilianiana.

1.1. Compreendendo o gênero crônica

As crônicas, pela própria origem da palavra *Chronus*, nos fazem compreender que são narrativas ligadas ao tempo. Para entender sua história é necessário mencionar o cronista Fernão Lopes².

Na história da crônica Fernão Lopes teve sua relevância, por ser um cronista português que narrava sobre o momento político que vivia Portugal naquela época.

² O registro mais antigo da vida de Fernão Lopes é um documento de 1418 que atesta a função de Guardamora da Torre do Tombo, e escrivão de D. Duarte. Em 1419, como também escrivão de D. João I, começa, provavelmente, a redigir a Crônica dos sete primeiros reis de Portugal. Algum tempo depois, 1422, aparece intitulado escrivão da puridade do infante D. Fernando, mas somente na data de 1434, com o reinado de D. Duarte, Fernão Lopes recebe a incumbência oficial de colocar os feitos portugueses na forma de crônicas, que seria confirmada pela regência de D. Pedro e no posterior governo de Afonso V. Porém, cinco anos após o conflito de Alfarrobeira (1454), foi legalmente aposentado de todas as funções devido à idade avançada, já que desde 1451-2, Gomes Eanes Zurara assumira a composição dos textos e a guarda das escrituras. (LOPES DE ARAÚJO e BRUNO GIANEZ, 2006, rodapé).

Fernão Lopes fazia crônicas sobre os reis e uma que mostrava alguns traços dele era a de D João I. Suas narrativas eram repletas de subjetividades:

Porque o que é sobretudo original em Fernão Lopes é a estratégia com que ele organiza a narrativa através do olhar. Exatamente porque lhe define a subjetividade do ponto de vista, o olhar é, no fundo o sentido de percepção que fundamenta o sujeito. (SILVEIRA, 1992, p. 34)

Fernão Lopes foi um cronista de bastante destaque, pois sua narrativa era singular, dedicou-se a documentar a rotina da corte portuguesa, por isso a originalidade estava na maneira como olhava o que ocorrera na corte e como organizava suas ideias, sendo esse seu eixo principal que o definia com tanta subjetividade. Segundo Ancona Lopez (1942), o cronista português tinha a responsabilidade de escrever o que estava ocorrendo a sua volta, como forma de registro, de fixação dos fatos. Este cronista registrou em seus escritos o que se passava na política da época em Portugal, sendo, portanto, uma crônica documental.

Fernão Lopes preocupava-se em registrar o cotidiano da corte portuguesa. E em Paris os *folhetins* tinham outro intuito, o de entretenimento para os assinantes dos jornais franceses no início do século XIX, porém aparecendo como artigos de rodapé. O *folhetim* não é originário do Brasil e sim uma novidade em Paris/França. Segundo Marlyse Meyer era possível encontrar nestes *folhetins*, rodapés dos jornais, os mais variados assuntos que abrangiam o cotidiano social, pois esse espaço tinha uma finalidade, ele era uma maneira de entreter os assinantes dos jornais. Sobre esses artigos presentes nos rodapés Meyer afirma:

Aquele espaço vale tudo suscita todas as formas e modalidades de diversão escrita nele se contam piadas, se fala de crimes e monstros, se propõe charadas, se oferecem receitas de cozinha ou de beleza, aberto às novidades, nele se criticam as últimas peças, os livros recém-saídos, o esboço do caderno B em suma. (MEYER, 1992, p. 96).

As temáticas que eram abordadas nesses rodapés eram de suma importância, bem como as piadas e charadas, daí seu caráter de entretenimento diferenciando da proposta de Fernão Lopes. Não se detendo aos jornais franceses o *folhetim* se expande e chega ao Brasil para fazer parte dos jornais brasileiros, ganhando ênfase na imprensa Carioca.

Na virada XIX para o século XX, o Rio de Janeiro apresentava muitas inovações e a crônica e a imprensa são algumas delas. A crônica passa por algumas modificações.

Ancona Lopez, mencionando os estudos de Antonio Candido, afirma que ele procurou descobrir como ocorreu a origem da crônica aqui no Brasil. Sobre esse estudo Ancona Lopez afirma:

[...] procurou as origens da crônica no Brasil encontrando-as no Correio Mercantil do Rio de Janeiro, entre 1854 e 1855. Ali num espaço de folhetim, rodapé largo, na seção “Correio da Pena”, mudança no artigo que habitualmente tomava questões e acontecimentos do dia. (ANCONA LOPEZ, 1992, p.166)

Ainda segundo Ancona Lopez (1992), José de Alencar estava presente em todas as sessões e seus textos foram cada vez mais sendo descomprometidos. A crônica a partir de então se adequa ao país e se desenvolve significativamente.

Alguns aspectos de relevância nesse gênero o fazem ser compreendido como uma narrativa brasileira, entre esses aspectos está a forma natural como esse gênero aqui se desenvolveu, Candido afirma:

No Brasil ela tem uma boa história e até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que se desenvolveu. Antes de ser crônica propriamente dita foi “folhetim”, ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia-políticas, sociais, artísticos, literários. (CANDIDO, 1992, p. 15)

Esse gênero passa a ter uma linguagem mais leve e muitas vezes se embebece de ironia e humor para narrar o que acontece no cotidiano. No Brasil ela foi utilizada por vários intelectuais da época que relatavam de forma clara e simples os fatos corriqueiros. Segundo Ancona Lopez (1992) a crônica vai surgir do que é real, daquilo que está próximo das pessoas, seja ela uma questão social ou uma simples descoberta do cronista.

A crônica foi se modificando ao longo do seu processo histórico, ganhando mais leveza em sua linguagem. Conforme menciona Candido,

Ao longo desse processo, foi largando cada vez mais a intenção de informar e comentar (deixada a outro tipo de jornalismo), para ficar sobretudo com a de divertir. A linguagem se torna mais leve, mais descompromissada e (fato decisivo) se afastou da lógica argumentativa ou crítica política, para penetrar poesia a dentro. Creio que a fórmula moderna, onde entra um fato miúdo e um toque humorístico, com o seu quantum satis de poesia, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma. (CANDIDO, 1992, p. 15)

A crônica moderna, como antes mencionado, possui uma linguagem mais leve utilizando da simplicidade e adentrando o universo poético, é uma forma de amadurecimento do gênero ganhando seu aspecto moderno.

Por iniciar no jornal como *folhetim* e com o passar do tempo ela se embebece de traços poéticos. A crônica torna-se uma narrativa que fica na incerteza, não se pode classificar como literatura ou apenas jornalismo. Segundo Ancona Lopez (1992) “A crônica para no meio do caminho entre a literatura e o jornalismo, é um gênero híbrido”. Ela não é possível de ser classificada como uma categoria apenas, pois possui traços tanto do jornalismo como da literatura.

2. A CRÔNICA E O TEMPO

O ato de narrar está implícito em todos os seres humanos, pois utilizamos esse processo narrativo para nos comunicarmos com os outros. Para compreender a narrativa, necessitamos conhecer um de seus elementos mais relevantes “o tempo”, pois é ele o responsável pelas delimitações das ações que ocorrem ao longo da narrativa, seja ela literária ou não.

Essa é uma categoria da narrativa de fundamental relevância, no entanto, apresenta diferenciações em seus conceitos, pois a compreensão do tempo para as culturas primitivas, as culturas antigas, difere da percepção de tempo na atualidade. Esses povos antigos utilizavam esse elemento narrativo mesmo não fazendo uso da escrita, ou seja, a forma narrativa para esses povos era a oralidade e o tempo era componente presente nesse processo.

Nas culturas ditas primitivas-culturais que não fazem uso de nenhum tipo de linguagem escrita, a percepção do tempo não é como a nossa. Nossa tendência é pensar que o tempo é um processo irreversível que aponta, como uma seta, para um futuro desconhecido. Nas culturas primitivas, concebe-se o tempo como um processo circular: O futuro é, de algum modo, uma volta do passado. (ALBERTO e PESSÔA, 2001, p.44)

Além da concepção apresentada pelos povos primitivos em que o tempo é circular, ou seja, está sempre em um processo de repetição, os gregos acreditavam que o tempo era um Deus. “O tempo é para os gregos o deus Cronos, filho do céu e da terra”. (Luís Alberto e Silvana Pessôa, 2001, p. 54)

No entanto, a história do tempo como algo a ser definido não se restringiu apenas aos gregos que compreendiam o tempo como um Deus, mas ganhou também um conceito mítico. Conforme menciona Luís Alberto e Silvana Pessôa.

A concepção mítica do tempo, já questionada pelo tempo cristão, cuja imagem é uma linha reta, sucessão de instantes únicos, é colocado em xeque por uma reflexão sistemática sobre a sucessão dos anos, dos dias, das horas, a qual envolve para o homem as noções de presente, passado e futuro (ALBERTO e PESSÔA, 2001, p.55)

É essa concepção de tempo como delimitador das ações, tanto no universo real como no universo literário, que compreendemos o tempo como o responsável por marcar

as ações que ocorrem no espaço, como por exemplo, delimitar os dias, meses e anos ou direcionar a uma noção de presente, passado e futuro. “[...] Há um privilégio das investigações sobre o tempo e um empenho por parte de técnicos e engenheiros em encontrar os meios de captura-lo e medi-lo de forma científica”. (ALBERTO e PESSÔA, 2001, p. 55).

Essa necessidade de capturar o tempo e compreendê-lo a partir de uma reflexão do passado, presente e futuro, levou os homens a medi-lo por vários meios, entre eles está o relógio.

O relógio, mecanismo cósmico em miniatura, é uma invenção renascentista. Tal maquinário usa duas forças que atuam no espaço, a gravidade e a rotação, para capturar o tempo nas suas engrenagens, registra-lo em quantidade mensuráveis. ALBERTO e PESSÔA, 2001, p.55)

Esse tempo cronometrado, medido e registrado no relógio, diz respeito ao tempo real, que possui várias formas e definições, pois não possui conceito único. O tempo é plural em vez de singular. (Nunes, 1995, p. 23)

Isso ocorre porque quando abordamos o tempo no âmbito do universo real, encontramos possíveis definições para cada tipo de tempo, no entanto, todas essas definições contribuem para uma possível compreensão dessa categoria narrativa. Segundo Benedito Nunes.

O tempo físico, o tempo psicológico, o tempo histórico e o tempo linguístico são formas diferentes do tempo real. Contudo, a primazia na representação comum do tempo real cabe a forma quantitativa, contínua e irreversível, em que se entrecruzam a objetividade do tempo físico com a sucessão regular do presente ao passado e do presente ao futuro (NUNES, 1995, p.23).

Mesmo o tempo real sendo apresentado de diferentes formas, possui uma objetividade maior que o conduz a uma compreensão mais assertiva com relação a sucessão de acontecimentos que direcionam as noções de passado, presente e futuro.

Mencionamos até agora o tempo no universo real, como ele delimita e marca as ações no espaço. Tentaremos a partir de então, compreender como o tempo está representado no universo literário. Na narrativa o tempo é um dos elementos que compõe sua estrutura e para isso apresenta traços do imaginário, das situações não reais

vivenciadas pelos personagens. Vejamos o que o teórico Benedito Nunes diz sobre o tempo nas obras literárias.

Nas obras ou nos textos literários dramáticos ou narrativos, o tempo é inseparável do mundo imaginário, projetado, acompanhando o estatuto irreal dos seres, objetos e situações conjuga-se segundo registros peculiares, que decorrem de sua apresentação na linguagem, principalmente ao tempo vivido [...] (NUNES, 1995, p.24)

Na literatura o tempo é elemento essencial, ele está presente na poesia e na narrativa e se embebece do imaginário, do que não é real para sua representatividade. Porém na poesia o tempo é diferenciado do tempo da narrativa, pois a poesia vive o tempo e a narrativa representa essa categoria, isso acontece porque o tempo na poesia está diretamente relacionada com a sensibilidade da linguagem, da musicalidade. “O texto poético tende a explorar sobretudo o tempo da própria linguagem, ou seja, o tempo exclusivamente sensível, musical das palavras”. (Luís Alberto e Silvana Pessôa, 2001, p. 53)

Enquanto no âmbito poético a musicalidade das palavras nos leva a uma compreensão do tempo como algo vivenciado, pois é essencial elemento da própria linguagem, na narrativa o tempo é representado, por isso a necessidade de criar um tempo ficcional e assim nos conduzindo a uma certeza de que toda narrativa representa o tempo. Segundo Luís Alberto e Silvana Pessôa.

A narrativa mantém um vínculo com o tempo enquanto dimensão externa à linguagem. Toda narrativa tende a representar, de algum modo, o tempo – ou seja, elege o tempo como um elemento fundamental para situar e identificar aquilo que se narra (toda narrativa cria tempos ficcionais). (ALBERTO e PESSÔA, 2001, p.53)

O tempo nas obras literárias necessita do imaginário, ele vai ser delimitado a partir das situações reais que acontecem na história, para o tempo se estabelecer em uma narrativa ele precisa abranger três planos que a caracterizam. “[...] O da história, do ponto de vista do conteúdo, do discurso, do ponto de vista da forma de expressão e o da narração, do ponto de vista do ato de narrar”. (NUNES, B. 1995, p. 27)

É no âmbito da história que o tempo imaginário se faz presente, ou seja, um tempo ficcional criado a partir de uma estrutura narrativa. No entanto, necessitando do tempo real para o desenvolvimento discursivo. Conforme afirma Nunes Benedito.

É sem dúvida, no plano da história que o tempo da obra literária é outro que não o real. Entretanto, o tempo da história, que denominamos imaginários, depende ainda do tempo real que subsiste na consecutividade do discurso em que fundou, e a custo do qual aparece ou se desloca [...] (ALBERTO e PESSÔA, 2001, p.27)

É nesse tempo constituído pela história que são demarcadas as ações do início ao fim do que está sendo contado, narrado na sequência de ações e que se embebece do real. Porém, esse tempo da história condiz com o tempo do discurso, porque um complementa o outro.

Também se faz necessário atentar para o ponto de vista do narrador que é outro plano que constitui a narrativa. O ponto de vista de quem está narrando também condiz com o tempo daquilo que está sendo narrado.

Segundo Luís Alberto e Silvana Pessôa (2001), no caso das narrativas literárias existem, portanto, duas formas básicas de se lidar com a temporalidade. É necessário compreender essas duas formas de temporalidade para conseguir entender como essa categoria funciona dentro de uma narrativa literária. Essas pluralidades narrativas se diferenciam entre si, na sua variação de conceito, pois o conceito de tempo constitutivo difere do tempo ficcional. Sobre o tempo constitutivo Luís Alberto e Silvana Pessôa mencionam.

Há o tempo constitutivo da obra, elemento que traduz a sua duração, o seu desenvolvimento, intervalo necessário para que o discurso se articule. Esse tempo não pode ser totalmente previsto pelo escritor, já que é determinado pelo tempo de leitura (uma narrativa que se pretende rápida pode ser, por exemplo, lida de maneira lenta por um leitor moroso) (ALBERTO e PESSÔA, 2001, p. 50)

O tempo constitutivo não é cronometrado pelo escritor de uma narrativa, isso é algo que está fora do seu alcance, porque vai depender do tempo de leitura que pode ser mais curta ou mais longa, o que provoca efeitos nesse processo de leitura.

Outro aspecto da temporalidade na narrativa é o tempo ficcional, pois ele está organizado dentro de uma estrutura que delimita as ações, ele não ocorre em meio ao discurso, mas em volta daquilo que é contado, da história propriamente dita. Segundo afirma Luís Alberto e Silvana Pessôa.

A segunda forma de se lidar com a temporalidade nos textos literários narrativos é a criação de um tempo ficcional. O tempo ficcional não ocorre no âmbito do discurso, mas no plano daquilo que é narrado, ou seja, na história propriamente dita. Esse tempo é, na verdade, a

atribuição de uma dimensão temporal aos eventos relatados, por meio de palavras ou expressões que recorrem, geralmente, ao calendário e ao relógio [...] (ALBERTO e PESSÔA, 2001, p.51).

Portanto, ao nos referirmos ao tempo ficcional, estamos compreendendo o mesmo como uma temporalidade que necessariamente foi criada a partir das situações que a narrativa impõe, a história é quem vai conduzir a temporalidade ficcional, porém mesmo sendo um tempo criado a partir das situações, ele sempre vai recorrer ao tempo real para sua concretude, dentro da narrativa, por isso o real e o imaginário se completam, porque o tempo imaginário necessariamente precisa do real.

Duas são as perspectivas que norteiam as narrativas, elas são básicas para um aprofundamento na conceituação dessa categoria, pois o âmbito da objetividade diverge do âmbito da subjetividade temporal. Sobre a temporalidade objetiva e subjetiva Luís Alberto e Silvana Pessôa confirmam.

Uma é a perspectiva objetiva que associa, ao tempo aspectos cosmológicos físicos (o tempo como parâmetro dos movimentos descritos pelos astros celestes ou como medida de envelhecimento dos seres). E uma outra perspectiva que sugere que há, sempre, uma perspectiva, uma consciência do tempo – perspectiva que torna possível se falar de tempo psicológico, subjetivo, ou de tempo imaginário. (ALBERTO e PESSÔA, 200, P. 52).

Essas concepções nos conduzem a um entendimento do tempo tanto no âmbito físico, aquele que é medido e registrado e o tempo que é imaginário, ou ficcional, criado para conduzir uma determinada história. “O que as formas narrativas literárias costumam fazer é explorar essa tensão entre objetividade e subjetividade do tempo”. (Luís Alberto e Silvana Pessôa, 2001, p. 53)

Conforme Luís Alberto e Silvana Pessôa:

A literatura pode partir do princípio de que tais perspectivas são representações do tempo, ou seja, ambas são modelos de percepção e, simultaneamente, ambas remetem, de algum modo, para um universo exterior à percepção. Ambas são interpretação e referência (ALBERTO e PESSÔA, p. 53)

Estas duas perspectivas da temporalidade fazem referência não apenas a um tempo da individualidade, mas a uma construção coletiva em de uma percepção cultural.

No capítulo seguinte faremos o comentário das crônicas Dia da Vitória, [Ainda sobre a bomba atômica] e Mesa do Passado de Cecília Meireles, tomando como base as discussões sobre as representações do tempo aqui apresentadas.

3. COMENTÁRIOS SOBRE O TEMPO NAS CRÔNICAS DE CECÍLIA MEIRELES

3.1. Dia da vitória

Cecília Meireles aborda em sua narrativa diversas temáticas que são de interesse de toda sociedade. Uma das crônicas que demonstra seu interesse sobre as questões sociais é a narrativa descrita em Dia da vitória, nela a autora retrata como ocorreram as comemorações ao final da grande guerra, narrando com lirismo as ações ocorridas nos dias que se sucederam ao fato histórico. Está narrativa também nos revela as impressões de uma mãe esperançosa do retorno de seu filho que fora lutar na guerra como soldado.

Como já foi mencionado a crônica “Dia da vitória” foi publicada no jornal Correio Paulistano em 1945 e compõe o livro Obra em prosa, V.1. Essa narrativa aborda um assunto bastante relevante para a sociedade da época e para a contemporaneidade a Segunda Guerra Mundial. Nela Cecília Meireles procura mostrar como foi o dia em que a guerra acabou.

O fim da guerra, embora tenha deixado inúmeras consequências, foi motivo de festividades para a população. A primeira abordagem do tempo nessa crônica ocorreu através do termo “Dia”. Essa perspectiva temporal ocorre como uma passagem do tempo que pode ser delimitada e registrada em dias, meses e anos e que nos conduz a uma compreensão do passado, presente e futuro. Essa concepção pode ser compreendida a partir dos escritos de Luís Alberto e Silvana Pessoa 2001 que menciona o tempo objetivo como um aspecto de movimento que nos leva a uma compreensão de passagem temporal.

O dia da vitória começou na véspera; e, de um extremo a outro da Avenida, a cidade esperava-o com suas bandeiras atadas como ramos de flores.

Não foi possível nenhuma atividade normal, desde manhã: o feriado foi nascendo sozinho, por si mesmo, e antes do meio-dia já estava amadurecido. (MEIRELES, 1945, p. 147).

Além disso, o narrador acredita que as festividades não acontecerão em um curto espaço de tempo, restrito a um único dia, mas se prolongarão por mais algum tempo, isso pode ser observado quando o narrador fala sobre “Dias festivos”. Outro ponto que pode ser observado é quando o narrador menciona “meio-dia” esse tempo específico foi marcado cronologicamente, ou seja, há objetividade temporal, no entanto quando

menciona esse “meio-dia” ele refere-se ao desenvolvimento das festividades daquele momento e retrata como se aquele dia já estivesse amadurecido, como se o tempo tivesse passado rapidamente, nota-se aqui a presença da subjetividade temporal, a percepção de que o tempo passou de presa um tempo psicológico.

É certo que as minhas alunas se resignavam a ouvir-me. Mas bem se sentia que estavam todas extraviadas por esse ar dos dias festivos que se percebe de longe, e promete a imaginação muito mais do que, verdadeiramente, dá. (MEIRELES, 1945, p. 147).

Neste momento da crônica, o narrador procura mostrar como foi o início desses festejos, naquele dia tão aguardado. Novamente o tempo foi delimitado, porque cada ação do homem foi marcada.

A princípio, foi apenas uma ou outra explosão de petardo; depois, já se ouviu o múltiplo retumbar do foguetório. Os alto-falantes precipitavam notícias, alternadas com músicas militares e retrospectos da guerra: e o povo apinhava-se pelas esquinas ouvindo-se, convencendo-se, adquirindo essas fórmulas de expressão que os que falam e escrevem quase inevitavelmente legam aos que os ouvem ou leem, por uma espécie de mimetismo, nem sempre de felizes resultados. (MEIRELES, 1945, p. 147).

No quinto e sexto parágrafos o narrador procura mostrar de maneira mais clara e objetiva todos os pequenos detalhes que contribuíram para as festividades daquele dia. Observamos que cada ação exercida pelo homem foi delimitada pelo tempo.

De repente, as lojas correram suas portas metálicas, a massa de transeuntes condensou-se, os apitos dos inspetores de veículos passaram a comandar energicamente o tráfego. Deixou de existir comércio. As repartições públicas é verdade que se mantinham abertas, mas quantos denodados funcionário estariam nos seus postos, carimbando papéis ou despachando processos?

Aviões prateados brilhavam no ar; o vento oscilava nas bandeiras dos edifícios; e uma chuva fina de papel picado começou a descer das altas janelas, das altas sacadas, dos altos terraços, – uma chuva que, antes de cair, se movia graciosamente alada e volúvel, com uma deliciosa liberdade, percorrendo a claridade do Sol. (MEIRELES, 1945, p. 147).

É interessante observar que o ocorrido naquele dia não é algo ficcional. A Segunda Guerra de fato ocorreu e esse dia festivo, minuciado em detalhes, não é fictício nem tão pouco é algo apenas retratado como uma breve história, mas nele se obtém um ponto de

vista da autora, que escreve sobre um dia específico em que se comemora o fim da guerra em que o tempo é delimitado a partir do termo “dia”, mesmo sendo um tempo que foi criado, um tempo ficcional para estruturar a narrativa, ele se embebeceu do real para sua criação ficcional.

Apareceram bandeiras de todos os lados, e a massa popular foi-se tornando unida e inquieta. Para sobressaltá-la, os gaiatos especialistas na matéria soltavam busca-pés que corriam das calçadas para o meio de rua, chamuscando tornozelos.

Os lojistas desocupados viram a multidão avolumar-se, entusiástica indiferente aos seus sortimentos de sapatos, de fazendas, de queijos e de livros. O cego deixou de anunciar seus brinquedinhos para criança. Os barbeiros sem freguesia oscilavam a porta, reduzidos a aventais, toalhas, bandeiras brancas flutuando... E a rapaziada dos colégios, de uniforme aberto ao peito, improvisou logo música e letra:

Vamos, pessoal, vamos pessoal, depois da guerra temos outro carnaval! (MEIRELES, 1945, p. 148).

A crônica também faz menção à sensação de alívio por parte de uma senhora que está vivenciando aquele dia festivo. Nesses fragmentos observamos todo o lirismo de Cecília Meireles que perpassa os versos e adentra a prosa.

Explodiam bombas ensurdecedoras, inesperadamente, caindo não se sabe de onde. Ria-se e gritava-se já num princípio de delírio que as marchas militares dos alto-falantes iam ritmando.

Uma senhora que olhava o torvelinho da cidade disse-me baixinho: “se todos esses ficam tão contentes sabendo que a guerra terminou, como hei de estar, eu, que tenho um filho na Itália?” Tirou da carteira o lenço e enxugou os olhos. Mas permanecia quieta, sem voz e sem riso: com essa dignidade das mães que vão receber um filho vivo, sabendo que tantas outras não esperam nenhum regresso. (MEIRELES, 1945, p. 148).

Novamente observamos um tempo objetivo, o termo “Noite” está referindo-se a um espaço de tempo em que algo acontece. Ele também mostra que a realidade, ou seja, o tempo real está presente no universo literário, pois o tempo real é a base do tempo ficcional, ambos estão diretamente relacionados.

O sono da primeira noite de paz é diferente, mesmo quando se está muito longe dos campos de batalha. Porque enfim, a distância não é nada, para os que sabem sentir. E dormir tranquilo quando as casas estavam desabando, os campos de concentração enchendo-se, os navios rebentando no mar, os aviões caindo do céu, chegava a ser, de certo modo, imoral. Temos o direito de assim aceitar o refúgio da ausência, do esquecimento, do sono? (MEIRELES, 1945, p. 148).

O texto traz no fragmento seguinte uma indagação sobre o que seria possível encontrar, ou quem seria possível encontrar, o que não é perceptível entre a noite e o dia, e mostra as possíveis ações feitas pelo americano, neste momento específico entre o anoitecer e o amanhecer. Novamente o registro do tempo, ou seja, a objetividade temporal.

Mas ah! Quem adivinha o que está oculto entra a noite e o dia?
E os que moram à beira do mar estão sempre expostos a ameaçadores enigmas.
Certamente, o oficial americano teria tido uma noite feliz, sob estrelas tão calmas, diante de uma praia tão bela. E de manhã atravessou as areias, enquanto os foguetes da vitória, os telegramas da vitória, os discursos da vitória faziam estremecer toda a cidade, de ponta a ponta. (MEIRELES, 1945, p. 148).

É importante observar as imagens retratadas por Cecília Meireles na crônica, como tudo é mencionado com tanta peculiaridade e como o tempo é o responsável por cada situação vivenciada. A todo o momento essas situações aparecem, delimitadas a algum momento específico, como algo que aconteceu de manhã, ou uma situação vivenciada ao meio-dia. Esses são termos que mostram que esse tempo é registrado, e que é o movimento do tempo que faz compreender sua passagem.

Viram-no mergulhar nas ondas azuis, e aparecer muito longe, lutando com espumas vigorosas, num combate corpo a corpo que se tornava cada vez mais impossível.
Depois, desapareceu. E como era americano, e como era belo, e como era o dia da vitória, todos queriam salvá-lo, com uma inquietação que outro afogado talvez não merecesse. Mas ninguém o alcançou.
Ele chegou sozinho, pouco depois, belo como um deus marinho adormecido, e ninguém se convencia de que não pudesse viver. (MEIRELES, 1945, p. 149).

O tempo nesta narrativa apresenta a objetividade e subjetividade, pois além de mostrar as delimitações marcadas e vivenciadas pelo homem, apresenta também um tempo subjetivo, pois mesmo o tempo marcando a vida do homem a partir dos dias, meses e anos, o narrador termina a crônica mencionando que a vida do homem não se restringe apenas aos dias, o seu destino parece ir muito além do tempo registrado, a mente humana proporciona esse tempo psicológico, por isso a percepção de que o destino do homem pode ir muito além.

Mas não se levantou, embora os aviões zunissem ao sol, por sobre o mar. Embora seus companheiros o chamasse e os médicos se debruçassem para o seu corpo.

Calmamente, atravessará as ondas, e voltará para as areias. Apenas, entre ir e vir, o mar lhe tirara subitamente a vida.

No dia da vitória! Ninguém se conformou.

Ele, porém, estava tão tranquilo como quem pensa que, se para viver todos os dias são difíceis, – para morrer, qualquer um serve. Como se o destino dos homens estivesse além dos dias. (MEIRELES, 1945, p. 149).

Esta crônica evidencia como o tempo foi um delimitador de ações no espaço, quando o narrador vai descrevendo o que ocorreu na cidade descrita pela autora, relatando cada ação exercida pelo homem. Ao observarmos esta narrativa compreendemos a perspectiva temporal representada no gênero em análise a partir de seu título com o termo dia que o compõe, este termo nos leva a uma compreensão de passagem temporal.

3.2. [Ainda sobre a bomba atômica]

As bombas atômicas, arma de destruição em massa, utilizada durante a segunda mundial, também é utilizado por Cecília para compor sua narrativa temporal. Uma das crônicas que aborda a temática é [Ainda sobre a bomba atômica] uma narrativa que nos fala como o mundo comportou-se a detonação de uma bomba atômica, apresentando as consequências deste evento para o mundo e o tempo é um elemento presente e essencial para a compreensão da narrativa em análise.

Diante do que já foi citado sobre o tempo, podemos perceber que há objetividade e subjetividade do tempo nas prosas Cecilianas, ou seja, um tempo que é marcado a partir de dias, meses e anos e nos conduz a uma compreensão de passado, presente e futuro e um tempo psicológico, idealizado a partir da mente humana, este tempo também é conhecido como tempo imaginário.

A crônica “[Ainda sobre a bomba atômica]”, possui as duas perspectivas do tempo. Essa crônica foi escrita para o jornal Folha Carioca, nela a autora comenta, mais uma vez, sobre a Segunda Guerra. Essas crônicas escritas por Cecília Meireles na época abordavam os mais diversos assuntos de interesse popular e eram publicadas nos jornais em que a autora trabalhava. Sobre essa época de escrita da autora, Renata Mendes 2010 afirma.

Na segunda linha da obra em prosa cecilianiana são as crônicas que apresentam-se em comentário sobre assuntos variados, que iam desde situações pessoais e curiosas da própria vida da autora, observações do Rio de Janeiro e seus principais fatos, até notícias de destaque mundial como as bombas atômicas da segunda guerra (MENDES, 2010, p.28)

A crônica “[Ainda sobre a bomba atômica]” mostra bem essa perspectiva da prosa Cecilianiana, pois aborda um dos assuntos de maior relevância para a sociedade, que foram as bombas atômicas lançadas na guerra. O narrador começa a crônica descrevendo o que ocorreu logo após o término da guerra.

Após a notícia dos arrasamentos, os comentaristas da bomba atômica enumeraram os longos benefícios que a humanidade receberá da utilização dos princípios em que se baseia aquele engenho. (MEIRELES, 1945, p. 190).

Neste mesmo parágrafo, o narrador aborda o tempo como uma passagem, ou seja, um processo físico de movimento que sempre nos conduzirá a um futuro, o que nos remete a essa concepção quando o narrador fala sobre a necessidade de deixar o tempo passar.

A imaginação transpõe todas as fronteiras: esquece-se o aviso prudente de que é preciso deixar passar o tempo para que se façam possíveis tais prodígios, e começa-se a viver num mundo que já não tem mais nada a ver com o de agora, embora este seja mesmo o quinhão mesquinho que nos toques, a nós, tristes habitantes de fronteira um pouco atrasados para alcançarmos o horizonte. (MEIRELES, 1945, p. 190).

No segundo parágrafo o narrador ainda marca sua narrativa por um tempo objetivo, ou seja, cronometrado em dias, meses e anos quando fala sobre “últimos dias”. No entanto, o tempo nesse momento passa a ser não apenas objetivo, mas subjetivo também, ou seja, começa a apresentar as duas perspectivas quando menciona “o mundo envelheceu”, pois esse envelheceu não ocorreu com a passagem dos anos:

Nesses últimos dias, o mundo envelheceu de uma decrepitude rápida. Compreendeu-se de repente a razão destas fadigas, destas melancolias, deste mal-estar dos mais sensíveis: assim como está, não é mais suportável o mundo. Não se trata de algum caso pessoal nem será mesmo a desordem social – é esta falta de sentido da existência humana: é o problema total, cujos fundamentos as filosofias e religiões têm explorado e entretido com uma certa piedade pelo desespero dos mais

fracos, e cautela contra as agressões dos violentos. A ciência que trabalha com modéstia e precaução, coloca de repente, na mesa em que se joga o destino humano, a carta com que talvez se ganhe o destino universal. (MEIRELES, 1945, p. 190)

Na sequência da narrativa, especificamente no terceiro parágrafo, o narrador continua mencionando as consequências deixadas pelas bombas atômicas:

O sonho da pedra filosofal ficará desta vez excedido, como realidade; e, os homens que nunca pensaram nisso, terão de aprender a respeitar a imaginação, o trabalho livre do pensamento, essa operação criadora peculiar ao artista, ao sábio, ao filósofo, tão longamente desdenhados e maltratados. Em ocasiões como estas, compreende-se que não é uma vadiação o jogo construtivo do pensamento; que o laboratório ou o gabinete de trabalho não são as fáceis torres de marfim a que com tanto desprezo se alude; que viver retirado dos homens pode ser um modo nobre de estar a seu serviço. (MEIRELES, 1945, p. 190).

Relacionando a esse momento de compreensão e estudo sobre o que aconteceu com a população logo após as bombas atômicas, o narrador menciona aquele momento que está sendo vivenciado, como um tempo que não é propício para tomar posições de liderança quando fala sobre “Num tempo”. Esse tempo mencionado pelo narrador dialoga com os escritos de Luís Alberto e Silvana Pessoa que foram usados aqui como fundamentação, quando ressaltam em seus escritores o tempo como um movimento cósmico:

Chega-se, então, a compreender a necessidade do respeito pelo estudo num tempo em que a façanha de tomar posições de assalto se vem exercendo com esportiva felicidade fora dos campos de batalha. É um chamado de regresso à dignidade do trabalho intelectual, e ao mais difícil de todos, e ao que tem sobrevivido as maiores crises, entre os maiores equívocos; a pesquisa desinteressada, que o próprio Pasteur teve de defender certo dia, – e era Pasteur! E era na França. (MEIRELES, 1945, p. 191).

O narrador continua de forma mais peculiar retratando todo o ocorrido naquele momento, como consequência das bombas lançadas na guerra, falando neste momento sobre os estudos feitos.

Mas o trabalho intelectual e a pesquisa desinteressada são funções normais das universidades. Sem elas, os Estados Unidos não seriam o que são; não fariam o que fazem; não teriam reunido os seus

investigadores e os europeus nessa obra de conjunto cujos primeiros resultados agitam o mundo, (MEIRELES, 1945, p. 191).

A atmosfera do pós-guerra repleta de indignação com a violência perpetrada durante a guerra, sobretudo a descoberta do holocausto as atrocidades envelheceram a humanidade, a impressão que ficou do horror da política da morte criou no imaginário da humanidade uma impressão subjetiva de que o mundo envelhecerá.

O mundo agora parece velhíssimo e agonizante, porque os seus problemas estavam todos divididos, e agora poderão ser resolvidos com uma solução talvez radical. Pelo menos esses pequenos problemas diários que são aqueles porque as pessoas gritam, chamam, se revoltam, odeiam, matam. Os grandes problemas são silenciosos. Mas, resolvidos aqueles, ter-se-á tempo de pensar nestes. E talvez se gaste muito cérebro ainda para elucidar o sentido da condição humana. (MEIRELES, 1945, p. 191).

Neste momento o narrador menciona o termo “velhíssimo” que imediatamente nos conduz a uma compreensão de um movimento do tempo como passagem. No entanto, quando esse termo é referido na narrativa e o seu contexto seguinte é exposto compreendemos que ele conduz a uma subjetividade. O “velhíssimo” aqui é uma idealização, uma percepção psicológica do narrador, na qual a percepção que é compreendida é de um tempo que passou muito rápido e por isso logo o mundo envelheceu o que de fato não ocorreu, mas é uma percepção da mente humana.

No último parágrafo o narrador volta a mencionar o mundo como um lugar velho, caduco, mostrando que houve uma passagem do tempo, mesmo que seja uma passagem idealizada pela mente humana.

Será preciso muito cérebro, muito tempo, e algumas universidades. Universidades! Ah, como está velho o mundo, visto daqui! – Como está velho! Triste, caduco e indigente... (MEIRELES, 1945, p. 191).

O tempo está presente em toda a crônica e sua percepção de passagem é bastante evidente, pois termos utilizados pelo narrador deixam claro que houve um movimento físico que nos fazem compreender a passagem temporal, e essas concepções ocorrem em uma perspectiva objetiva e subjetiva da narrativa literária.

3.3. Mesa do passado

Cecília Meireles também aborda em seus escritos temáticas como solidão, lembranças, silêncio entre outros temas que são reflexos de uma infância cercada de perdas afetivas, observamos isso na crônica “Mesa do passado” que retrata as lembranças que a autora tem de seu pai. O título da crônica já nos remete a passagem temporal que permeia a narrativa, pois todo ocorrido leva a autora as suas memórias do passado.

A crônica “Mesa do passado” foi publicada em 1947 no jornal A Manhã. Nessa crônica Cecília Meireles procura abordar momentos de um tempo passado, de quando era criança, onde a solidão e as lembranças registram seus traços.

No entanto, o foco na análise dessa crônica não é nem as lembranças nem a solidão, mas sim o tempo narrativo que estrutura a crônica, pois toda a narrativa em análise nos conduz a uma compreensão de um tempo passado, de algo que ocorreu anteriormente.

O título da crônica já nos conduz a uma compreensão do tempo em que o narrador situa sua narrativa. Toda a narrativa está envolta de algo que ocorreu no passado, são lembranças do narrador em relação ao seu pai.

Meu pai talvez tivesse amado a História e os poetas românticos: mas o que para sempre se celebrou de sua curta vida foram os seus conhecimentos acerca do pão-de-ló. Porque o pão-de-ló, com toda aquela simplicidade aparente, possui segredos de estilo: há do seco, há do úmido, há do pegajoso, e não é qualquer que consegue fazê-lo subir com essa branda arquitetura sem arrogância, que no alto adquire morenidão e ternura de rosto humano, não é qualquer que sabe concentrar nessa tranquila face tostada um ponto de mel, como o sorriso das flores (MEIRELES, 1947, p. 219).

Um dos aspectos para melhor compreensão do tempo é observar o âmbito da estrutura narrativa, que está dividida na história, no discurso e em como o narrador aponta o seu ponto de vista. Isso ocorre nos dois parágrafos seguintes, quando o narrador vai mencionando o que ele ouviu falar sobre o seu pai, além do discurso que está sendo desenvolvido, ou seja, o seu ponto de vista em um tempo específico. Essa concepção faz referência aos escritos de Benedito Nunes 1995.

Falava-se das receitas de meu pai como se fossem versos, novelas, romances para sempre inéditas. E como o pão-de-ló na verdade, era apenas um ponto de partida, cada doce que desabrochava na mesa

trazia, segura do oloroso cravo, como borboleta presa em alfinete, uma saudosa inscrição com o nome de meu pai.

Eu vi existir gente que amava, há muito tempo, é certo. Gente que possuía vastos calendários de comemorações. Vi existir um tempo em que cada dia era dedicado a uma pessoa: a um aniversário, a um casamento, a um batizado. Deus meu! Até os dias de morte eram como de festa com flores, luzes, mortalhas de seda, coroas prateadas; e as crianças brincavam com os mortos com muita doçura, e examinavam sem medo algum, seus dedos pálidos como o marfim de mudos pianos. (MEIRELES, 1947, p. 219).

É interessante observar que as memórias o remetem ao passado e a um movimento cósmico que o direcionou ao futuro, o tempo como passagem. Isso mostra a objetividade do tempo na prosa cecilianiana, essa concepção nos é remetida quando fala sobre “Esses dias”, os dias em que aquelas situações foram delimitadas.

Pois esses dias estavam entrelaçadas de grinaldas de papel, de rendas de papel, de colares de confeitos, de constelações de amêndoas, e desses pequenos lagos luminosos das geleias, calmos como os olhos dos animais, faustosos como anéis de prelado. (MEIRELES, 1947, p. 219).

O narrador, ainda fazendo referência às lembranças do que ouviu falar sobre o seu pai, e nos remetendo a um tempo passado, dialoga com os escritos de Luís Alberto e Silvana Pessôa 2001 que apresentam o tempo como um movimento de passagem.

Lembra-me de senhoras redondas, roliças, que existiram só para armar esses dias antigos entre a terra que pisamos e o céu que nos envolve. Eram como escafandristas de misteriosos mares: de suas mãos transbordavam as crespas conchas de papel onde se aninham os doces de ovos; e o eriçado coral rolava de seus dedos, palidamente azul, róseo, com um morno aroma de baunilha, que adormentava. Desde o princípio dos tempos estavam elas sentadas em redor de mesas imensas, e trocavam apenas vagas palavras quase sacramentais, enquanto pelo pátio se ouvia o salto e o riso de mulatinhas como num bailado de quebrar coco.

Oh! – Amáveis casas derrubadas, cujas paredes estavam todas impregnadas do quente bafo aromático da cozinha! Quando alguém perguntava naquele silêncio de vastas mangueiras, de melancólicas sábias, de frescas varandas sossegaras: “Será preciso bater mais?” As senhoras respondiam como em sonho: “Até fazer bolhas”. E o trabalho prosseguia, como em sonho, também. (MEIRELES, 1947, p. 220).

Nos fragmentos seguintes há uma continuidade nas menções feitas aos pequenos detalhes daquele momento, nos quais há a percepção do narrador. Faz-se necessário

ressaltar que o tempo está presente ao longo de toda a narrativa, no âmbito das suas duas perspectivas temporais, a objetividade e subjetividade.

Às vezes, penso se tudo isto serão invenções minhas. Mas não: lembro-me bem de ver rolar pela mesa os confeitos prateados, como o orvalho que escorrega pelas folhas de tinhorão; lembro-me de estar longo tempo imaginando que suaves pássaros de alfenim, em que aéreos ramos de cristal depositariam esses pequenos ovos de amêndoas, liso como o céu, e matizados só com um crepúsculo de cores.

Sei bem que vi, como num cortejo clássico, bacias carregadas de frutas amarelas, que inundavam a noite com seu copioso perfume. E de pensativas alturas perguntava à minha solidão que misteriosas mourinhas surgiriam dos tanques, romperiam dos muros, para virem espremer às laranjas o seu amargo sumo, noites e noites, a vaga luz das estrelas, ao paciente escorrer das verdes torneiras, quando até os galos dormem, e os grilos se cansam de serrar suas árvores de vidro. (MEIRELES, 1947, p. 220).

Outro termo que nos remete a uma idealização do tempo é o termo “Sempre” que nos conduz a compreensão de um tempo que não se acabará, que é contínuo, que está em um processo de movimento.

A transparência das carambolas está como um vitral na minha frente: vejo o sol atravessar-lhe as paredes de topázio. Mãos negras, de unhas brancas, estão arrancando com uma concha de beiras purpúreas a nítida pele amarela dos cajus.

Se correr um pouco, alcançarei os moleques com seus bambus colhendo a fruta, ou mascando uma ponta de campim, com um samburá de ovos em cada mão.

E as senhoras estão sempre na sala, para sempre na sala, entre pratos de flores, compoteiras altas como catedrais, nuvens de canela, cascatas de açúcar em resvaladiças torrentes de diamante. Se suas profundas incursões pelo abismo dos sonhos, trazem também pombos lunares, flores sem vida e sem morte, anjos e noivos plasmados em espuma, hortos de brancura e de eternidade, que não se sabe como aparecem nem como desaparecem. São as imagens que coroam essa arquitetura vagarosa e tão precária, que se está pacientemente construindo apenas para se destruir logo que fique pronta. (MEIRELES, 1947, p. 221).

O narrador continua descrevendo as situações que suas lembranças o proporcionam desfrutar. A peculiaridade com que são descritos os detalhes daquele momento mostram o quanto o lirismo se faz presente na prosa cecilianiana.

Ah, quem responderá jamais as minhas secretas perguntas em torno desse trabalho de amor? Estou vendo os fios de ovos enrolarem suas melosas madeixas: metros e metro de horas... O chocolate funde como

um metal fácil e deixa o seu hábito sufocante voar como um pássaro de plumas negras pela casa toda... O fogo, o próprio fogo é outro, como já não se vê: tem sabedoria de aranha; e as mãos que andam em redor servem-se dele com a naturalidade com que as crianças fecham e abrem as pálpebras de um gato. É um fogo que não queima, que não destrói; é aquele fogo que transforma, que inventa, e sabe em que momento a calda que ofega nos tachos se torna fio de diamante ou alado raio de estrela; e quando a crosta dourada se firma estalejante. Fogo modelador a que os elementos se encostam confiantes, como se sonhavam suas futuras transfigurações (MEIRELES, 1947, p. 221).

O tempo é um dos componentes presentes em todas as narrativas e apresenta diferenciações do tempo retratado na poesia, pois na poesia o tempo é vivenciado e na narrativa ele é representado. Essa percepção dialoga com toda a crônica “Mesa do passado” que apresenta tanto o tempo cronometrado, objetivo, como o tempo psicológico. Toda narrativa é marcada por essas duas perspectivas:

Tudo isso para um breve momento de convidados felizes. Para aconchego e obséquio. O prazer de servir. A dignidade de amar de um modo que ninguém mais entende. Cada pequeno doce era uma joia, um broche cinzelado, uma filigrana com seu esmalte de comporta; e como nos velhos copos dourados, sentia-se que cada um deles levava escrito: “simpatia”, “amizade”, “Amor”. (MEIRELES, 1947, p. 221).

É interessante observar o que esse tempo passado traz como consequência para o futuro vivido pelo narrador. Diante de toda a crônica o narrador apresenta-se marcado pelas lembranças de seu pai, mesmo não tendo vivido com ele, o que se ouviu falar já foi o suficiente para causar uma sensação de solidão, da necessidade de estar com o outro. Detalhes peculiares como os doces colocados na mesa, ou o simples pão-de-ló que seu pai preparava.

As mesas de doces acabavam com os suspiros, como por uma poética intenção. Os suspiros eram o resto de todos os ovos, o último calor do forno, o derradeiro vestígio da festa. Os suspiros eram já do território da infância: qualquer menina queria levantar esses castelos de espuma, sentir dentro deles o rumorejar da areia de açúcar, e nessa fragilidade plantar como um curvo barco, a meia lua aromática da casca do limão. Agora, a espuma se fazia uma porcelana líquida; o aroma deixava o traço da sua passagem; o tênue fogo amorável enchia de leveza aquela frágil cerâmica: dilatava-a em caprichos grutas, cúpulas minúsculas, em que fixava gota de néctar, conta da resina, lágrima de âmbar; a última doçura da despedida, antes que a própria cinza fosse fria. (MEIRELES, 1947, p. 221).

Ao longo de toda a crônica observamos as imagens descritas pelo narrador que nos remetem ao que passou. Ele procura falar com peculiaridade sobre as situações que ouviu falar sobre o seu pai. Isso mostra a sensibilidade afetiva do narrador sobre o que ocorreu no passado, ou seja, houve uma contínua passagem temporal, que é compreendida na percepção de passado, presente e futuro.

Oh! O recesso dos suspiros... perguntai as formigas por suas viagens nesse recinto de inumeráveis espelhos que o simples giro da mais leve antena pode reduzir a escombros! Há escadarias, rampas subterrâneas e os pilares das estalactites são apenas fios de luz. Câmara perfumosa como se abrisse janelas para pomares de limoeiros, – o ar que a toca a despedaça. E tal qual as nuvens no céu, os suspiros se dissolviam na boca... dissolvem-se para sempre na boca todos os suspiros. Talvez por isso, as bondosas senhoras roliças recomendavam com seu lábio freirático: “não esqueça a casquinha de limão”. Era só o que perdurava um pouco, vago perfume, lembrança ainda de fruta, de terra, de raiz agarrada, flores, borboletas, a noite do mundo, o sonho da noite, o planeta solto numa profundidade sem margens, com as janelas acesas e os convivas sorrindo... sorrindo... suspensos no insondável universo. (MEIRELES, 1947, p. 222)

A narrativa mostra como o tempo ordenou as ações ocorridas que proporcionou a autora uma volta ao passado, nesta crônica observamos o tempo da memória, o tempo das lembranças afetivas para com o seu pai.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse trabalho tentou-se expandir o estudo da categoria do tempo na narrativa de ficção. Para tanto, utilizamos como corpus para análise as crônicas “Dia da vitória”, [Ainda sobre a bomba atômica] e “Mesa do Passado”, que compõem o livro *Obra em Prosa*, que reúne inúmeras outras crônicas da autora.

As três crônicas analisada apresentam as perspectivas temporais que permeiam a literatura, as análises da representação do tempo podem ser iniciadas pelos títulos das crônicas, estes por sua vez nos conduz a uma concepção de movimento físico que nos faz compreender a ideia de passagem do tempo.

Para tal análise, usamos como fundamentação teórica os escritos de Benedito Nunes, presentes na obra “O tempo na narrativa” e de Luís Alberto Brandão Santos e Silvana Pessoa de Oliveira, presentes na obra “Sujeito, tempo e espaço ficcionais introdução à teoria da literatura”.

Embora seja o tempo um elemento que compõe a narrativa, ele não apresenta singularidade em seu conceito. No entanto, suas perspectivas de objetividade e subjetividade temporal, bem como sua relação entre tempo real e tempo ficcional estão presentes na prosa Ceciliana e são esboçadas neste trabalho.

Nosso objetivo neste estudo foi compreender a representatividade do tempo nas crônicas Ceciliana, como também expandir o debate sobre essa representatividade dentro da literatura, fazendo uso das crônicas da autora. Esperamos que este trabalho contribua para alargar o debate sobre as crônicas de Cecília, pouco estudadas e conhecidas na Academia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Valdei Lopes de. GIANEZ, Bruno. A emergência do discurso Histórico na Crônica de Fernão Lopes. *Revista de História e estudos culturais*, volume 3 ano II n° 2. abril/maio/junho de 2006.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio e outros. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Unicamp, 1992. p. 13-22.

DAL FARRA, Maria Lúcia. Cecília Meireles: imagens femininas. *Cadernos Pagu* (27), julho/dezembro de 2006.

DAMASCENO, Darcy. Poesia do Sensível e do Imaginário. In: MEIRELES, Cecília. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977. p. 13 - 76.

LOPEZ, Telê Porto Ancôna. A crônica de Mario de Andrade: impressões em historiam. In: CANDIDO, Antonio e outros. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992. p. 165 – 188.

MEIRELE, Cecília. *Obra em prosa*. Crônicas em geral/apresentação e planejamento editorial de Leodegário A. de Azevedo filho. Volume I. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1998.

MENDES, Karla Renata. *Cecília Meireles viajante: visões do presente e do passado nas crônicas sobre Portugal*. Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Curitiba, 2010.

MEYER, Marlyse. Voláteis e Versáteis. De variedades e folhetins se fez a chronica. In: CANDIDO, Antonio e outros. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Unicamp, 1992. Pag. 93 a 133.

NUNES, BENEDITO. O tempo na narrativa. São Paulo: Ática, 1995.

SANTOS, Luís Alberto Brandão e OLIVEIRA, Silvana Pessôa. *Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à teoria da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SHANCHES NETO, Miguel. Cecília Meireles e o tempo inteiriço. In: MEIRELES, Cecília. *Poesia completa: Cecília Meireles*. 1 Poesia Brasileira. I. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SILVEIRA, Jorge Fernandes da. *etti alli*. Fernão Lopes e José Saramago. Viagem, crônicas & História, crônica & Jornal. In: CANDIDO, Antonio e outros. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Unicamp, 1992. p. 25-39.

SOUZA, Alcides de. O jornalismo literário em crônicas de Cecília Meireles. *Darandina* Revista eletrônica, Programa de pós-graduação em letra /UFJF, Volume 9, Número 1, 2016.

UTESCHER ALVES, Daniela. *A crônica de Cecília Meireles: uma viagem pela ponte de vidro do arco-íris*. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. São Paulo, 2012.